

**A FORMAÇÃO, PERFIL E O PROCESSO DE INSERÇÃO DOS NUTRICIONISTAS
EM CLUBES DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

Priscila Antunes Marques¹, Marcos Xavier de Andrade¹, Rodrigo Carlet¹
Manoel Eduardo do Prado Shamah¹, Luciano de Oliveira Elias¹, Lucio Marques Vieira Souza²
Adriana Moré Pacheco¹, Giovani dos Santos Cunha¹, Rogério da Cunha Voser¹

RESUMO

A atuação do profissional nutricionista encontra-se em expansão desde a criação da profissão e sua normatização. A nutrição esportiva tem sido uma das áreas de atuação que mais vem ganhando destaque, visto a importância que um nutricionista tem no planejamento e rotina de treinos que visam desempenho dos atletas. Desta maneira, o presente estudo tem como objetivo principal descrever o processo de atuação do nutricionista esportivo em clubes participantes do campeonato gaúcho de futebol da Série A. A metodologia da pesquisa é de natureza aplicada e descritiva, adotando como procedimento técnico uma abordagem qualitativa. Participaram do estudo 9 nutricionistas de 3 clubes, sendo 7 mulheres e 2 homens, do total de 12 clubes participantes do campeonato gaúcho de futebol da série A. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se uma entrevista semiestruturada. Para a análise dos resultados obtidos foi utilizada a técnica de triangulação dos dados. Todos os preceitos éticos foram respeitados. Os resultados mostram que todos os entrevistados optaram pela carreira de nutricionista esportivo por possuírem um vínculo com a prática de esportes, mas somente um tinha ligação com o clube de futebol através de estágios. Compreendeu-se não possuir caminho único de formação a ser percorrido para se tornar um nutricionista esportivo, no entanto, o contato com pessoas da área, e o networking adquirido, parece ter forte influência para conseguir uma vaga em clubes de futebol.

Palavras-chave: Nutricionista esportivo. Nutrição. Futebol.

1 - Escola de Educação Física, Fisioterapia, Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

2 - Departamento de Corpo e Movimento Humano, Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG, Passos, Minas Gerais, Brasil.

ABSTRACT

The training, profile and insertion process of nutritionists in football clubs in the state of Rio Grande do Sul, Brazil

The role of professional nutritionists has been expanding since the creation of the profession and its standardization. Advances in nutritional science have allowed new fields to emerge, working not only on the prevention and treatment of diseases, but also on the promotion of health, aesthetics and well-being. Sports nutrition has been one of the areas of activity that has gained the most attention, given the importance that a nutritionist has in planning and training routines aimed at athletes performance. In this way, the main objective of the present study is to describe how the sports nutritionists performance process occurs in clubs participating in the "Campeonato Gaúcho de Futebol", series A. For theoretical foundation, the context of sports nutrition in Brazil was addressed, as well as nutrition sport applied to football. The research methodology is applied and descriptive in nature, adopting a qualitative approach as a technical procedure. 9 nutritionists from 3 clubs participated in the study, 7 women and 2 men, from a total of 12 clubs participating in the Campeonato Gaúcho de Futebol, series A. A semi-structured interview was used as a data collection instrument. To analyze the results obtained, a data triangulation technique was used. All ethical precepts were respected. The results show that all interviewees chose a career as a sports nutritionist because of their connection to sports, but only one had a link to a football club through internships. It was understood that there is no single training path to becoming a sports nutritionist; however, contact with people in the field and the acquired network seem to have a strong influence on securing a position at football clubs.

Key words: Sports nutritionist. Nutrition. Football.

INTRODUÇÃO

A Nutrição é a ciência que estuda a composição dos alimentos e a absorção dos nutrientes pelo organismo (Prado, Martins, Carvalho, 2021), sendo essencial para o desenvolvimento humano (Vieira Souza, Barbosa, Nogueira, 2024).

Os primeiros registros da profissão surgiram entre a primeira e segunda guerra mundial, onde alguns países observaram que os soldados bem alimentados lutavam melhor, e após isso estudos e experimentos foram iniciados (CFN, 2016; Vasconcelos, 2002).

Desde a sua criação como profissão e a regulamentação do exercício profissional, a área da Nutrição progrediu tornando-se referência em alimentação adequada, evidenciando a necessidade de ampliação nas suas áreas de atuação (Moreau, Coutinho, 2024), e não somente junto da promoção do aumento da atividade física e incentivo à aquisição de hábitos alimentares saudáveis dos indivíduos sendo um dos principais componentes de políticas de uma vida saudável (Souza e colaboradores, 2020).

Dessa forma, devido à necessidade tanto da alimentação saudável quanto da prática de exercícios físicos para a manutenção da qualidade de vida, a nutrição esportiva destaca-se no mercado, uma vez que é a área responsável por correlacionar esses dois temas (Soares e colaboradores, 2022).

Sendo assim, o profissional da nutrição é muito requisitado por atletas e praticantes habituais de atividade física (Frade, Stulbach, 2010).

A nutrição esportiva é uma área em constante expansão dentro da ciência da nutrição, sendo essencial para o desempenho e recuperação de atletas e praticantes de atividade física (Damascena e colaboradores, 2024).

O nutricionista esportivo desempenha um papel fundamental na elaboração de planos alimentares personalizados, visando otimizar a performance esportiva e promover a saúde (Pereira, Cabral, 2007).

Embora a nutrição esportiva tenha ganhado destaque pela importância que um nutricionista tem no planejamento e rotina de treinos daqueles que o praticam, a sua colocação no ranking de atuação dos profissionais, ainda é baixa, segundo os dados obtidos pelo Conselho Federal de Nutricionistas (CFN, 2021).

Em quinto lugar, encontra-se a área da nutrição esportiva, que por ser um campo de atuação mais recente, se comparado às outras áreas, há poucos nutricionistas especializados.

Apenas 4,1% dos profissionais atuam em espaços como academias e clubes de distintas modalidades esportivas no país (futebol, vôlei, natação, atletismo etc.) (Vasconcelos, Rossi, Costa, 2005).

Ao ser comparada a nutrição esportiva com as demais áreas da nutrição, observa-se que este é um campo relativamente novo para os nutricionistas, pois a atuação na clínica e alimentação coletiva ocorre desde 1940 e a nutrição esportiva teve seus primeiros registros no final dos anos 60 (Moreau, Coutinho, 2024).

Devido ao crescente número de pessoas preocupadas com a estética, saúde e rendimento esportivo, cabe ao nutricionista esportivo, o papel central de orientar “dietas” específicas que assegurem a perfeita relação entre rendimento esportivo, saúde e estética (Soares, Aguiar, 2010).

Considerando as questões pertinentes à relevância que o profissional da nutrição tem dentro deste mercado esportivo é importante entender como está a realidade no cenário esportivo de clubes de futebol do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Os estudos de cenário objetivam a realização de diagnóstico de uma realidade local para busca de informações relacionadas a parâmetros econômicos, políticos, sociais e culturais existentes neste meio social.

Dessa forma, são necessários objetivos claros que permitam coletar o maior número possível de dado para gerar um cenário real que possa trazer resultados e compreensões acerca desses questionamentos.

Neste sentido, o objetivo do presente estudo é analisar o perfil e atuação do nutricionista esportivo em clubes de futebol do campeonato gaúcho da série A.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da ESEFID/UFRGS e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP/UFRGS) sob o parecer número 5.898.943.

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada e descritiva, adotando-se como procedimento técnico a abordagem qualitativa.

Participaram do estudo 9 nutricionistas de 3 clubes, sendo 7 mulheres e 2 homens, do total de 12 clubes participantes do campeonato gaúcho de futebol da série A.

Como critério de inclusão na pesquisa situam-se os clubes profissionais de futebol, vinculados à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), participantes do Campeonato Gaúcho Série A de 2023. Os participantes incluídos no estudo eram profissionais nutricionistas que estavam atuando dentro do clube.

A fim de responder os objetivos do trabalho foram convidados a participar de maneira voluntária respeitando o risco de intimidação ou qualquer dano de ordem social, cultural, psíquica do ser humano, podendo retirar-se da pesquisa a qualquer momento.

Foi utilizado como instrumento para coleta de dados, a entrevista semiestruturada.

Para análise dos dados foi utilizado o procedimento de Triangulação de Métodos que para Marcondes, Brisola (2014) pauta-se na preparação do material coletado (dados empíricos), interpretação das informações obtidas e articulação com autores da área da temática da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo serão apresentadas e interpretadas as entrevistas realizadas com 9 nutricionistas de 3 clubes de futebol. Para melhor compreensão dos aspectos investigados, dividir-se-ão as análises em 2 categorias:

A formação e o perfil: Que abrangem informações sobre processo de formação acadêmica profissional, e dados pessoais do nutricionista;

O processo de inserção na nutrição esportiva e dentro do clube de futebol: O percurso realizado pelo profissional e como ocorreu a sua entrada no clube de futebol.

A formação e o perfil

A primeira categoria de análise apresenta as características de cada nutricionista entrevistado.

Dados sobre sua formação acadêmica, e perfil profissional. São discriminadas as etapas de sua formação durante a graduação, experiências que tiveram enquanto estudantes, na área da nutrição esportiva e por consequência no futebol.

Para tal, torna-se necessária a apresentação do quadro 1 em que expõe de maneira geral as características de cada entrevistado. Posteriormente, ocorrerá o diálogo entre os relatos, a literatura especializada com base no intuito desta categoria de análise.

Quadro 1 - Caracterização dos participantes do estudo.

CLUBES	NUTRICIONISTA	SEXO	IDADE	LOCAL E ANO DE FORMAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA EM CLUBE DE FUTEBOL	CATEGORIA
CLUBE 1	A1	MASCULINO	39	PRIVADA 2008	LATO SENSU	10 ANOS	PROFISSIONAL
	B1	MASCULINO	26	PÚBLICA 2021	LATO SENSU	1 ANO	PROFISSIONAL
	C1	FEMININO	44	PRIVADA 2004	LATO SENSU	10 ANOS	BASE
CLUBE 2	A2	FEMININO	29	PÚBLICA 2015	STRICTO SENSU	10 ANOS	PROFISSIONAL
	B2	FEMININO	24	PRIVADA 2013	LATO SENSU	2 ANOS	PROFISSIONAL
	C2	FEMININO	26	PRIVADA 2020	LATO SENSU	3 ANOS	BASE
	D2	FEMININO	23	PRIVADA 2022	LATO SENSU	1 ANO	BASE
	E2	FEMININO	25	PÚBLICA 2019	LATO SENSU	1 ANO	BASE
CLUBE 3	A3	FEMININO	35	PRIVADA 2012	LATO SENSU	6 ANOS	PROFISSIONAL

Observa-se que todos os entrevistados relataram ter especialização em nutrição esportiva concluída ou em andamento. Mesmo não sendo um pré-requisito para obtenção da vaga como nutricionista em clubes de futebol, todos relataram a importância de ter tal experiência, para sentir-se mais seguro e preparado para atuar com esse público.

De acordo com Moreira, Velho (2008) possuir uma pós-graduação amplia as possibilidades de atuar em cargos de liderança e se diferenciar no mercado de trabalho. Quanto mais ampla a formação, maior a chance de percorrer áreas correlatas, diversificando seu campo de atuação.

Apesar de, nos últimos anos, o Brasil ter aumentado sua contribuição científica de forma mundial, devido à consolidação da pós-graduação no país, segundo Ribeiro, Oliveira, Faria (2020), ainda se faz necessário aumentar essa contribuição no âmbito internacional, por tanto, se faz necessário incentivar jovens cientistas a ingressarem na pós-graduação brasileira.

Dante dos relatos, os nutricionistas A2, C2, salientaram a importância de uma especialização em suas carreiras. O nutricionista A2 explicou ser um diferencial, pois algumas faculdades não oferecem um conhecimento prático e necessário para atuar na área esportiva:

“Não me cobraram, mas eu acho que é um diferencial até porque hoje em dia nas faculdades de nutrição não tem tanta cadeira de nutrição esportiva. Tu não consegues ter uma bagagem muito grande, não tem estágio obrigatório de nutrição esportiva, então não me cobraram, mas eles já me conheciam do estágio [...]”

O entrevistado C2 complementa relatando a falta de um conhecimento prático durante a graduação, e a necessidade de ter uma especialização na área, que trouxesse mais segurança para atuar:

“[...] Quando eu fui contratada não foi uma exigência, até porque eu não tinha experiência com futebol quando comecei, tinha com esporte, mas é totalmente diferente não dá pra comprar. Só que ali dentro eu vi que precisava de algo a mais para conseguir acompanhar e para realmente ter um trabalho que eu conseguisse ver e saber quando intervir aqui ou ali. Então depois que eu comecei a trabalhar no clube, eu fiz a minha especialização que nem foi no futebol, foi na nutrição esportiva geral [...]”

Dois nutricionistas entrevistados relataram que é necessário ter uma especialização para concorrer a vaga. Na época em que entraram não havia necessidade, mas atualmente é um título que se destaca na hora da seleção. O entrevistado A1, relata ser muito importante pois atualiza o profissional a respeito dos conhecimentos da área:

“Com certeza, ainda mais eu que me formei já faz algum tempo né. na época você escolhia, eu escolhi fazer nutrição esportiva, deu uma base muito legal, dúvidas específicas da área, a questão da bioquímica, fisiologia, e parte clínica também, não só esportiva. [...] Fiz uma pós-graduação em nutrição esportiva, que foi muito interessante, uma sala cheia de pessoas interessadas em esporte, não tinha outras matérias aleatórias, era tudo muito voltado pro esporte. colegas que contribuíram muito, estavam atuando em consultórios, clubes.”

O entrevistado C1 relata que na época em que entrou, não havia um pré-requisito de especialização para concorrer a vaga, porém, atualmente já é solicitado que o candidato possua no mínimo as mesmas características que o nutricionista antigo do clube:

“[...] Na época que eu entrei, entrei em 2013 né... ai não foi solicitado, mas por exemplo hoje... para entrar tem que ter todas as minha características né... ficou registrado isso nos protocolos. Para entrar tem que ter no mínimo a formação que eu tenho, para poder atuar. [...] É porque não tinha determinados cursos naquele tempo né... e agora tem muita coisa.”

Os demais entrevistados, B1, B2, deixaram claro que não existe uma obrigatoriedade em ter uma especialização para concorrer às vagas. Que o importante é ter interesse de aprender e ser comprometido, como vemos na fala do nutricionista E2:

“[...] Acredito que dependa mais do currículo geral e da vontade de trabalhar. Não foi cobrado uma especialização, a gente contrata pessoas em formação que tem vontade de aprender.”

Observamos que todos esses que comentaram não ser obrigatório, atuam na categoria de base, onde a tarefa é mais técnica, executar o que o nutricionista coordenador planeja. Então acaba sendo mais leve, e um local de aprendizado para aqueles que entram logo que se formam. O nutricionista B1 retrata de uma forma clara como funciona essa

hierarquia dentro dos clubes, e o quanto ter ou não uma especialização influencia nisso.

“[...] O futebol tem alguns cargos, cargo júnior, cargo pleno, no próprio CLT tem essas classificações, se tem mais ou menos experiência. Eu tenho o cargo de auxiliar, existe um coordenador. O que diferencia, é que quando tem um cargo acima, eles cobrariam uma pós-graduação, experiência, e esse cargo mais inicial, que foi o que entrei é um cargo mais executivo, de executar aquilo que foi pensado pelo coordenador, tenho uma função mais operacional, faço a suplementação todos os dias, entrego os suplementos para os atletas, e enquanto o nutricionista que lidera a equipe, ele tem a função de racionalizar as operações. Determina o que vai ser feito, qual protocolo de suplementação vai ser feito. Ele que pensa e eu executo. Mas uma especialização facilita.”

Em consequência dos resultados obtidos, percebe-se que todos relataram não serem cobrados pelo clube a necessidade de ter uma especialização na área, mas alguns evidenciaram a importância que o conhecimento a mais agraga nas suas funções profissionais dentro do clube. Alguns entrevistados apontaram que atualmente possuem mais cursos e especializações, do que anos atrás, o que talvez justifique uma futura cobrança quanto a formação profissional mais qualificada.

Os estágios acadêmicos são componentes curriculares obrigatórios, que previstos por lei, são de fundamental importância para uma formação acadêmica mais completa. Onde o futuro profissional terá um conhecimento real da situação de trabalho que a sua profissão exigirá (Luz, Bego, 2022).

Ainda assim, poucas instituições de ensino oferecem em sua grade curricular obrigatória o estágio em nutrição esportiva. Dos 9 entrevistados, somente um teve estágio obrigatório em nutrição esportiva, como vemos na fala do nutricionista C2: “Na Uniritter eu tive cadeira obrigatória de nutrição esportiva e estágio, não sei se ainda tem porque mudou o currículo, mas quando me formei ainda tinha estágio curricular de esportiva.”

O restante dos entrevistados relatou não ter na grade curricular a oferta de estágio em nutrição esportiva, somente a cadeira obrigatória e de poucos créditos, o que tornava pouco tempo para conhecer essa área de atuação. Quatro dos entrevistados relataram buscar por fora da instituição, estágios em

clubes esportivos para que pudessem adquirir conhecimento extracurricular, sendo que um desses, o entrevistado B2, conseguiu estágio no clube de futebol que trabalha atualmente, e acredita que esse estágio facilitou sua entrada como nutricionista do clube:

“Eu entrei no clube por estágio extracurricular, e a minha cadeira na graduação era junto com fisiologia do exercício, era uma vez na semana e um semestre só. Não tinha estágio obrigatório nessa área, tive que buscar por fora.”

Fica evidente, nas falas dos entrevistados, que a falta de conhecimento sobre a nutrição esportiva durante a graduação, acaba gerando certa insegurança para quem deseja trabalhar nessa área futuramente. É um conhecimento que fica vago, e que quem realmente quer deve correr atrás de cursos, especializações e estágios extracurriculares, para que assim possa conhecer outros profissionais e passar a ser reconhecido nesse meio. Encerramos com o trecho do nutricionista A1, que mostra exatamente essa necessidade da busca pelo conhecimento:

“Eu me ofereci pra ser estagiário de futebol, fui atrás do conhecimento, na própria graduação mesmo comecei estágios na área, cursos extracurriculares, depois de 5 anos de formado, pós-graduação e atualmente to fazendo mais uma pós-graduação, pela USP. Posso te falar que tenho 100 cursos na nutrição, desses 100, mais da metade, são na nutrição esportiva. Preciso ouvir outros professores, pessoas de região diferente, esportes diferentes. Então a formação é contínua, até porque na nossa área, os pacientes são muito informados, então não passe vergonha de estar no consultório e o atleta te contar algo que você não sabe.”

O processo de inserção na nutrição esportiva e dentro do clube de futebol

A segunda categoria de análise traz informações sobre como os profissionais entraram nos clubes de futebol, e o que motivou a escolha dessa profissão. Muitos relataram já ter alguma ligação com o esporte quando criança, ou incentivo da família para atuar na área.

A família é uma das principais bases de formação do indivíduo, transmitindo valores, hábitos e costumes aos seus membros (Rozemberg e colaboradores, 2014).

Segundo Fagundes, Aquino, Paula (2010) é pela vivência familiar que as representações internas são desenvolvidas, influenciando seu comportamento no futuro, bem como no futuro profissional.

No entanto, Almeida, Pinho (2008) e Tessaro, Schmidt (2017) acreditam que as expectativas familiares podem aparecer no processo de escolha profissional.

Os pais projetam em seus filhos os sonhos profissionais que eram seus e que não puderam realizar não se dando conta de que acabam por transferir responsabilidades aos filhos de escolher uma profissão que não puderam seguir (Santos, 2005).

Estar inserido no meio do esporte, também foi um relato forte nas falas dos entrevistados, como motivação para inserção na área da nutrição esportiva. A iniciação esportiva, também está relacionada com o incentivo da família. O acompanhamento dos pais na prática esportiva de seus filhos proporciona um momento de prazer e satisfação para as crianças e adolescentes. Harris (1996, p. 89), já afirmava que, “a criança pode almejar certas realizações não pelo prazer, mas a fim de obter a aprovação parental”. Exemplos ocorrem numa partida de futebol, quando a criança ou adolescente realiza uma jogada especial e recebe aplausos como forma de aprovação dos pais.

Os entrevistados A1, B1 e A2, citaram fortemente a influência da família, tanto na prática de esportes quando criança, quanto na inserção da nutrição como curso de graduação. E entrevistado E2, não cita a família, mas relata como o esporte e nutrição estavam presentes na sua infância e influenciaram positivamente na sua escolha profissional.

Discorrendo em seu relato, o nutricionista A1, apresenta que o esporte faz parte da sua vida desde os primeiros anos de idade. E que os pais sempre foram preocupados em acompanhar suas práticas esportivas e incentivá-lo:

“Comecei a atuar porque eu sou envolvido com esporte desde criança, desde muito novo, desde a escola eu já praticava o judô, com 2 e 3 anos de idade já fui inserido na natação, então sempre fui envolvido com esporte, na adolescência ainda mantive a prática esportiva e queria fazer também musculação. Iniciei muito novo, na adolescência comecei a capoeira e do lado tinha academia de musculação e na época era novidade, eu tinha 14 anos de idade, então 25

anos atrás a musculação não era tão difundida, tão famosa e com 14 anos eu era bem magrinho, bem alto, e aquilo ali me incomodava, e meus pais acompanhavam, conheciam a academia e decidiram deixar eu fazer.”

Segundo na linha do esporte, o nutricionista relata como a prática o envolveu com a nutrição, o que despertou seu interesse e quando entrou no curso de nutrição:

[...] E quando eu estava com 18 anos começou a questão de suplementação, antes já tinha, mas eu não tinha dinheiro meu para comprar e tomar também, então com 18 anos comecei a iniciar com suplementação e iniciei com jiu jitsu e isso foi me levando a querer fazer a nutrição, entender como funcionava. Comecei o curso de nutrição para mim, curar uma dor minha, entender o que faria diferença nos meus treinos. Ainda mais jiu-jitsu, que precisa acompanhar o peso. Na época prestei o vestibular para educação física e nutrição, passei nos 2 e optei pela nutrição, pois eu tinha um interesse maior, entender a suplementação, que muitos confundiam com anabolizante, e eu queria distinguir e saber como utilizar.”

Corroborando com a importância do esporte na inserção na nutrição esportiva, o entrevistado B1, relata que era praticante de esportes desde criança:

“Quando eu entrei na nutrição, queria o esporte porque desde os 5 anos fui atleta, fiz ginástica olímpica e treinei no grêmio náutico união esses 8 anos, e depois fiz uma transição e fui para o futebol, do futebol fiquei dos 13 aos 17 anos. Depois que abandonei, fiz o cursinho para o vestibular, passei na fundação que é onde gostaria de estudar. Não esperava ir para o clube de futebol tão cedo, mas surgiu a oportunidade, mas tinha muito em mente trabalhar com pessoas fisicamente ativas em consultórios.”

O profissional A2 ressalta o quanto a família teve influência na sua escolha, não só no incentivo da prática esportiva, bem como auxiliando na dúvida entre a escolha do curso. Família estando presente em um momento muito delicado e importante da vida de um adolescente:

“Eu sempre gostei de me alimentar bem, de forma saudável e equilibrada, desde pequena, porque minha mãe tinha hábitos saudáveis e incentivava esses hábitos, então desde pequena sempre pensei em ir para área da saúde, porque sempre gostei da saúde e sempre praticava esportes, então quando

terminei o ensino médio estava bem na dúvida sobre o que fazer, e a minha mãe sugeriu o curso de nutrição."

Para finalizar os relatos daqueles que entraram na área esportiva por influência do esporte ou da família, o entrevistado E2 enfatiza a sua prática esportiva desde a infância como meio que levou a procurar uma profissão relacionada. Não citou a família como incentivadora:

"Eu fui atleta de ginástica olímpica na época era artística, e dentro da minha formação de atleta eu não tinha assistência nutricional e não sabia a importância, então alguns anos depois eu descobri que eu poderia ter me saído melhor no esporte, ter conseguido me manter no esporte se eu tivesse acompanhamento nutricional, que por ser um esporte estético que é a ginástica, eu tive alguns problemas psicológicos, desconforto com o peso e ninguém me ajudou, então eu escolhi a nutrição para ajudar os atletas."

Os demais entrevistados não relacionaram a inserção na nutrição esportiva por vivência anterior com esporte, ou influência familiar. Em sua maioria, não pretendiam estudar nutrição como primeira opção, e nem tinham interesse na área esportiva, mas por outros motivos e percursos ao longo da graduação, optaram por trabalhar nessa área. A fala do entrevistado B2 nos mostra, que nem sempre a nutrição foi a primeira opção:

"Fiz 2 anos de engenharia química antes de fazer nutrição, e acabei me tornando nutricionista por gostar muito de esportes e por mudar meus hábitos alimentares. Sempre fui uma criança que se alimentou bem, mas com o tempo fui gostando de cozinhar e pensei: porque não, nutricionista? [...] E a área do esporte, eu queria área hospitalar quando entrei na faculdade. Mas como peguei um pouco da pandemia no curso, acabei optando pela cadeira de nutrição esportiva, para adiantar a cadeira [...]."

A dúvida entre dois cursos também aparece nas falas do entrevistado D2:

"[...] Sempre fui muito fanática pelo meu clube e queria trabalhar lá, e daí eu fui procurando áreas onde eu conseguia trabalhar dentro do clube e eu fiquei entrei jornalismo ou nutrição, porém por conta da timidez, eu pensei: "não jornalismo não tem como, tem que dar entrevista, vou ter que falar, melhor não... daí me encontrei na nutrição [...]."

Sob um outro prisma, o entrevistado C1, escolheu a nutrição como primeira opção

de curso, mas não almejava trabalhar com o esporte. Suas primeiras experiências como profissional graduado foram em outras áreas, que segundo ele, é uma das portas de entrada no mercado de trabalho da nutrição:

"[...] Bom, na nutrição eu me formei em 2004 e atuei um tempo em hospital e em algumas empresas. Empresas assim de refeições coletivas, que é uma das maiores portas de abertura para área da nutrição, assim. sem questionamento, porque é meio que obrigatório, todo mundo precisa então. é meio que a gente acaba entrando e começando né. e aí fiquei um tempo no hospital, aprendendo, trabalhando com a nutrição clínica. gerenciei restaurantes. Por uns 8 anos eu fiz isso, e aí comecei o trabalho também de lecionar. lecionava em curso técnico né. Lá pelas tantas surgiu o trabalho no clube. na verdade no meu caso é diferente tá, eu não fui atrás do futebol, o futebol veio até mim.

Desse modo, enfatizando a temática a respeito do processo de inserção na nutrição esportiva e dentro dos clubes de futebol, verifica-se que quatro dos nove nutricionistas esportivos - A1, B1, A2 e E2 - já pensavam em trabalhar com nutrição esportiva ao iniciar a graduação, fosse por influência da família ou pela proximidade e inserção no esporte desde a infância. Três entrevistados - B2, D2 e C1 - optaram pela nutrição ao escolher um curso, mas não almejavam trabalhar na área esportiva. O esporte acabou surgindo como uma opção durante a sua formação acadêmica, ou durante a sua atuação em outros ramos da nutrição, como o caso do entrevistado C1.

CONCLUSÃO

Atendendo ao objetivo que considerou verificar a formação e perfil dos nutricionistas esportivos, todos os entrevistados mencionaram a graduação em nutrição seguida de uma formação mais completa. Todos citaram possuir especialização na área, e um deles possui mestrado em ciências da reabilitação.

Em relação ao perfil, em sua maioria são jovens recém-formados, na faixa etária entre 23 e 29 anos, e três deles na faixa etária de 35 a 44 anos. A maioria dos entrevistados são do sexo feminino e somente dois do sexo masculino.

Em relação ao objetivo que visou identificar qual o processo de inserção na nutrição esportiva, os entrevistados declararam

o gosto e a prática de esportes desde a infância, além de mencionarem a influência da família na escolha pela graduação. Com base nesses resultados do estudo, compreendeu-se que a inserção na área esportiva e no futebol na maioria dos casos, dependem também das experiências vivenciadas antes e durante a graduação, que juntamente com a network adquirida, poderão traçar a carreira profissional.

Almeja-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar a visão e conhecimento acerca do trabalho de um nutricionista no futebol, a sua importância, e qual o caminho a ser seguido por aqueles que pretendem futuramente trabalhar nessa área.

Sugere-se para novos estudos que se investigue também a visão dos atletas de futebol e de outros profissionais da comissão técnica, a respeito das suas percepções quanto ao trabalho e importância de um nutricionista no clube.

Desta forma, espera-se incentivar a produção de novos estudos na área, oportunizando a participação de outros profissionais.

REFERÊNCIAS

- 1-Almeida, M.E.G.G.D.; Pinho, L.V.D. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*. Vol. 20. p. 173-184. 2008.
- 2-CFN. Conselho Federal de Nutricionistas. Perfil das(os) nutricionistas no Brasil. 2016. Disponível em: <http://pesquisa.cfn.org.br/> . Acesso em 08/01/2025.
- 3-CFN. Conselho Federal de Nutricionistas [Internet]. 40 anos de regulamentação da Profissão. 2021. Disponível em: <http://www.cfn.org.br/novosite/conteudo.aspx?IdMenu=96>. Acesso em 08/01/2025.
- 4-Damascena, A.K.O.; Santos, A.T.S.; Lima, L.T.; Figueiredo, R.O. Nutrição esportiva e desempenho atlético. *Revista Foco*. Vol. 17. Num. 10. p. e6385-e6385. 2024.
- 5-Fagundes, P.R.; Aquino, M.G.; Paula, A.V. Pré-vestibulandos: Percepção do estresse em jovens formandos do ensino médio. *Akropolis-Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*. Vol.18. Num.1. p.57-69. 2010.
- 6-Frade, R.E.T.; Stulbach, T. A importância da atuação de nutricionista em academias e clubes. *Revista Nutrição em Pauta*. Ano XVIII. Num.104. 2010.
- 7-Harris, P.L. Criança e emoção: o desenvolvimento da compreensão psicológica. São Paulo. Martins Fontes. 1996.
- 8-Luz, A.R.D.; Bego, A.M. Caminhos para a reestruturação da supervisão de estágios curriculares: proposição de um modelo teórico-prático para fundamentar a atuação de professores supervisores de ciências. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*. Vol. 24. p. e36868. 2022.
- 9-Marcondes, N.A.V.; Brisola, E.M.A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. *Revista Univap*. Vol. 20. Num. 35. p. 201-208. 2014.
- 10-Moreau, L.P.P.M.; Coutinho, L.C.S. Reflexões sobre a formação do nutricionista no Brasil e a relação com a docência nos cursos de graduação em nutrição. *Colóquios Nacional e Internacional do Museu Pedagógico da UESB*. Vol. 15. Num. 1. p. 2043-2047. 2024.
- 11-Moreira, M.L.; Velho, L. Pós-graduação no Brasil: da concepção "ofertista linear" para "novos modos de produção do conhecimento" implicações para avaliação. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior*. Vol. 13. p. 625-645. 2008.
- 12-Pereira, J.M.D.O.; Cabral, P. Avaliação dos conhecimentos básicos sobre nutrição de praticantes de musculação em uma academia da cidade de Recife. *Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*. São Paulo. Vol. 1. Num. 1. 2007.
- 13-Prado, S.D.; Martins, M.D.L.R.; Carvalho, M.C. D.V.S. A pesquisa no campo da Alimentação e Nutrição no Brasil: pluralidade epistêmica e produtividade científica. *SciELO-EDUERJ*. 2021.
- 14-Ribeiro, M.F.M.; Oliveira, G.A.; Faria, E.T. Formação pedagógica de docentes e pós-graduandos no âmbito da Pós-Graduação em Fisiologia no Brasil. *Educação Por Escrito*. Vol. 11. Num. 1. p. e32684-e32684. 2020.

15-Rozemberg, L.; Avanci, J.; Schenker, M.; Pires, T. Resiliência, gênero e família na adolescência. Ciência & Saúde Coletiva. Vol.19. Num..3. p. 673-684. 2014.

16-Santos, L.M.M.D. O papel da família e dos pares na escolha profissional. Psicologia em Estudo. Vol.10. Num. 1. p. 57-66. 2005.

17-Soares, N.T.; Aguiar, A.C.D. Diretrizes curriculares nacionais para os cursos de nutrição: avanços, lacunas, ambiguidades e perspectivas. Revista de Nutrição. Vol. 23. p. 895-905. 2010.

18-Soares, W.D.; Mendes, C.V.; Guimarães, M.S.; Alcântara, G.V. Conhecimento em nutrição esportiva entre praticantes de musculação. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 14. Num. 91. p. 1383-1390. 2022.

19-Souza, L.M.V.; Santos, P.M.F.; Dantas, R.C.S.; Santos, M.B.; Amarante Nascimento, M.; Fonseca, H.S.; Costa, R.A.; Santos, J.L.; Sampaio, R.A.C. Frequência de atividade física, consumo alimentar e estado nutricional de servidores públicos. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 14. Num. 85. p. 191-198. 2020.

20-Tessaro, D.; Schmidt, B. Escolha profissional: Teoria e intervenções sistêmicas voltadas ao adolescente e à família. Pensando famílias. Vol. 21. Num. 1. p. 92-104. 2017.

21-Vasconcelos, F.D.A.G.D. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. Revista de Nutrição. Vol. 15. Num. 2. p. 127-138. 2002.

22-Vasconcelos, F.A.G.; Rossi, C.E.; Costa, M. Evolução histórica do nutricionista em Santa Catarina (1980-2003). Rev Ciênc Saúde. Vol. 24. Num. 1-2. p. 28-35. 2005.

23-Vieira Souza, L.M.; Barbosa, F.C.; Nogueira, G.F. A importância dos micronutrientes e da água na dieta: uma breve apresentação. Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento. São Paulo. Vol. 18. Num. 115. p. 866-872. 2024.

E-mail dos autores:
priscila.antunes@ufrgs.br
marquinhosxavier@gmail.com
rdcarlet@hotmail.com
m.shamah92@gmail.com
luciano-futebol@hotmail.com
lucio.souza@uemg.br
adrimpacheco@ufrgs.br
giovani.cunha@ufrgs.br
rogerio.voser@ufrgs.br

Autor Correspondente:
Rogério da Cunha Voser.
rogerio.voser@ufrgs.br
Escola de Educação Física, Fisioterapia, Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.

Recebido para publicação em 08/02/2025
Aceito em 11/06/2025